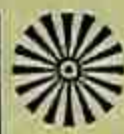


Ave Maria

REVISTA SEMANAL CATHOLICA E ILLUSTRADA
SÃO PAULO, 18 DE MARÇO DE 1916



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA JAGUARIBE, 73
Caixa, 615 — Telephone, 1304 — S. PAULO

ORGAM NO BRASIL DA ARCHICONFRARIA
DO I. CORAÇÃO DE MARIA. REDIGIDA PE-
LOS MISSIONARIOS FILHOS DO MESMO
IMMACULADO CORAÇÃO



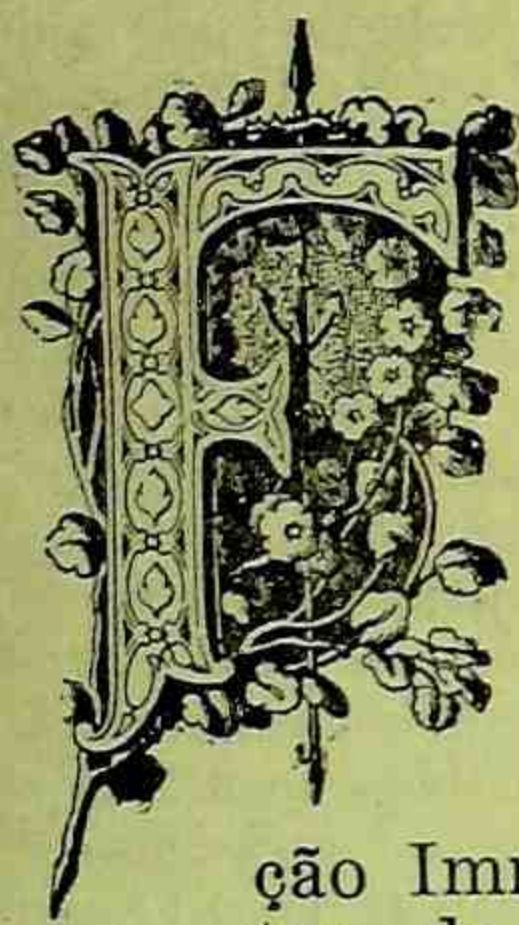
ASSIGNATURAS :
ANNO. 5\$000
PERPETUA. 80\$000
PAGAMENTO ADEANTADO

ANNO XIX

NUMERO 12

O DIA DE MARIA

**ou gloria, honra e reparação ao Coração Immacula-
do de Maria**



AZ bastantes annos que fundou-se em Cuenca, cidade do Equador, a "Associação do Dia de Maria." Hoje vamos dar alguma noticia sobre os estatutos e praticas piedosas da mesma canonicamente erecta para o culto, ou escravidão perpetua do Coração Immaculado de Maria, certos de que os leitores da "Ave Maria" acharão realmente n'ella um delicioso perfume de piedade sincera e solida.

Estatutos do "Dia de Maria."

No dia 2 de Abril de 1893 foram approvados pela auctoridade ecclesiastica de Cuenca os estatutos da nova associação do "Dia de Maria."

Qual é o fim e objecto do "Dia de Maria"? O fim desta Associação é tributar ao Purissimo Coração de Maria um culto especial : de gloria, de amor e de reparação. De gloria, promovendo sua

devoção e procurando seu reinado em todos os corações. De amor, correspondendo ao amor illimitado que nos professa, com fervorosos obsequios e principalmente com a imitação de suas virtudes : de reparação, desagravando-a do esquecimento e indiferença dos maus christãos para com Ella, e dos crimes que comettem os homens contra seu Divino Filho Jesus.

Para prehencher este fim e objecto tem o "Dia de Maria" uma organização muito simples e adequada. As pessoas associadas formam secções ou côros de 30 membros, cada um dos quaes escolhe um dia cada mez, chamado "Dia de Maria" por consagrar-se ao culto especial do Purissimo Coração de Maria.

A Associação depende do Prelado, porem governa-se immediatamente por um Sacerdote *Director*, encarregado de presidir o conselho e as Juntas geraes, e de fomentar a piedade dos associados. E' auxiliado no seu cargo pela *Presidenta*, *Vice-presidenta*, *Secretaria*, *Thezoureira* e as *Inspectoras* que se acham á testa de cada côro, e cuidam por

consequente, de que as socias observem o "Dia de Maria" tal como o tem annotado na lista correspondente.

Os mesmos cargos ou dignidades têm a *secção de homens*, e têm também os centros diocesanos dependentes da Associação central aonde se mandam os nomes dos associados.

Para que uma pessoa qualquer seja admittida deve frequentar os Sacramentos e mostrar-se amante do Purissimo Coração de Maria e então inscreve seu nome no registro e se lhe admitte á consagração.

Que obrigações e praticas impõe a Associação do "Dia de Maria"? Reduzem-se a tres: 1.^a rezar todos os dias uma "Ave Maria" com as jaculatorias "Doce Coração de Maria, sede a minha salvação! Coração compassivo de Maria, soccorrei os peccadores! 2.^a assistir ás reuniões geraes no primeiro sabbado de cada mez, ouvindo de manhã a missa em louvor do Coração Immaculado de Maria, rezando em commum o "*officio parvo*" e varios actos de amor e reparação e celebrando a função de tarde, com Rosario, pratica, Exposição, canticos etc. em honra do Coração de Maria; 3.^a empregando-se com grande zelo em propagar sua devoção, promovendo seu culto, adornando seus altares, celebrando suas festas e mostrando-se em todas as circumstancias como as almas mais amantes do Coração da Mãe de Deus. Finalmente devem nas festas principaes da associação e no "Dia de Maria" ostentar em seu peito a insignia propria de filha amante do Coração de Maria, que consiste numa medalha do mesmo Purissimo Coração, suspensa duma fita azul bemzida e imposta a cada um no dia em que foi recebido.

A associação obriga-se de sua parte a applicar os cultos dos primeiros sabbados para o bem espiritual dos associados, a celebrar annualmente uma missa pelos defunctos, a rezar cada socio um terço do Santissimo Rosario e ouvir uma missa por cada associado defuncto e a pedir especialmente pelas seguintes intenções; primeira, pela propagação entre os fieis da devoção ao Coração de Maria; se-

gunda pelo acceleramento do reinado social de Jesus Christo; terceira, para que todos os sacerdotes tenham o coração conforme ao Coração de Jesus; quarta, pela pureza da juventude e para que não se continue com as perversas doutrinas do liberalismo e demais erros do seculo, e quinta, pela conversão dos peccadores.

(Continúa)

"GAZETA DO POVO"

SENTIMOS, sobremaneira contristados, a evolução porque acaba de passar o unico diario catholico no Brasil. Qual o motivo? Em poucas palavras nol-o apresenta a sua Redacção, no seu editorial de doze do mez transacto, dia em que suspendeu a sua publicação diaria.

«Um jornal diario não se sustenta do ar; quando todos os catholicos comprehendam o *dever* que têm de sustentar a boa imprensa e de pagarem em dia a sua assignatura, então a «Gazeta do Povo» voltaria a ser um diario desassombadamente catholico, como o tem sido — mer. é de Deus — até hoje. Enquanto não chegar esse momento, o campo da imprensa em S. Paulo fica livre para os silencios calculados da imprensa neutra e para os ataques da imprensa hostile...»

Estas palavras, senhores catholicos, echoam aos nossos ouvidos como um lugubre dobre annunciador da morte dum amigo estremecido. São um ferro candente sobre a fronte de muitos que, como inconscientes de um dever sagrado, se recusaram de auxiliar o grande paladino da causa do bem, preferindo-lhe os jornaes amoraes e immoraes, sem pesar bem as consequencias duma tal preferencia. Pela nossa parte, cathegoricamente o affirmamos, não lhe recusamos todo o nosso apoio; quer como modestos collaboradores, quer como seus propagandistas: mas, apesar de tudo, não podemos sustar o seu desaparecimento como diario. Quando fizerdes vosso exame de consciencia, lembrae-vos daquellas memoraveis palavras acima transcriptas. E' um conselho de amigo. Meditai-as bem; e tomai as resoluções que todo o catholico deve tomar perante a imperiosa necessidade de sustentar a imprensa catholica. E' um dos nossos primeiros deveres na epoca actual. Referindo-se á imprensa, dizia Pio X, de saudosa e santa memoria: Em vão edificareis egrejas, em vão pregareis sermões, fundareis escolas, e fareis toda a sorte de boas obras, si não souberdes manejar contra a má imprensa as armas da boa... Quereis a confirmação de tão sabias affirmações? Ouvi o impio Combes. «A imprensa radical e socialista tirou a Egreja Catholica dois terços, talvez tres quartos de seus fieis.»

Quantos lhe não rouba por esse Brasil em fora

onde prosperam os maus jornaes, esses canhões do diabo...

Os algibebees do livre pensamento ficam radiantes ante o exito das suas conferencias jornalisticas e o mallogro das nossas. Fundado um jornal impio, impõe-se todos os sacrificios para sua sustentação; funda-se um jornal catholico, e não se sustenta. Porque? *Por vossa culpa, por vossa culpa, por vossa grande culpa.* Não o auxiliaes e além disso, não tendes o menor escrupulo em assignar os jornaes impios. Exaggero? Falto a verdade? Nem uma nem outra cousa. Sobre as vossas mesas de estudo não faltam jornaes impios que bem mostram a veracidade de quanto affirmamos. Com quantos nossos inimigos procederiam assim? São mais coherentes, são mais prudentes, como diz o Evangelho. Urge, senhores catholicos, tomar um novo rumo, sob pena de nos sujeitarmos aos mais arduos sacrificios, aliás damos uma triste prova de nossa Fé, que sem obras, como sabeis, é morta.

Dizeis, e com frequencia, que a imprensa catholica não satisfaz, pelo que toca ao noticiario, ás exigencias do dia.

Pois, como ha de satisfazer, se a não amparaes como merece? Como ha de o campo fructificar se não passardes a mão no arado?

Quereis um effeito sem causa?

Essas e quejandas excusas nada escusam, ab-

solutamente nada. Ao fundar-se um jornal catholico, tomae logo a sua assignatura e ponde vossa penna a sua disposição. Fazei acompanhar o pedido de assignatura da importancia respectiva, e levae vossos amigos a fazer a mesmissima coisa, e vereis o jornal florescente e pleno de vida. Esses collossos, que infelizmente por ahi circulam, não appareceram taes quaes se encontram hoje: semelhantes a uma pequena fonte, foram augmentando de volume á medida que se foram divulgando. Divulgae os bons e fechae a porta aos que o não são, e vereis eguaes prodigios em nosso favor.

A imprensa catholica só poderá enfrentar de vez seus inimigos, e tantos são, quando cada catholico se fizer um denodado ao extremo apostolo da mesma. As coisas são o que são e não ha mudal-as. Para os fins se hão de empregar os meios, e entre estes, os mais adequados. A imprensa catholica, entre nós, mostra claramente que a mór parte dos catholicos o são de Credo, mas não de Mandamentos. Repetimos para terminar este, as palavras de Pio X: «Em vão edificareis egrejas, em vão pregareis sermões, fundareis escolas e fareis toda a sorte de boas obras, si não souberdes manejar contra a má imprensa, as armas da boa». Não esqueçamos estas memorandas phrases do Santo Pontifice.

INTREPIDO

SALVO POR S. JOSE'

Otrem de Mayence rolava a todo o vapor em direcção de Colonia.

Era um bello dia de Março, vespera da festa de S. José.

Dois viajantes iam sentados, um de frente ao outro: um padre e um negociante. Sem se incomodar um com o outro, gosavam ambos da deliciosa paisagem que se desenrolava a seus olhos: contemplavam silenciosos as pinturescas margens do Rheno.

Acabavam de arrecadar os bilhetes.

O padre tomou o seu breviario e se dispunha a rezar o officio divino, quando lhe chamou a attenção a attitude de seu visinho. O negociante uniu as mãos e parecia querer orar tambem. O padre mirou-o, hesitou um instante; porém, á vista de sua piedade, perguntou-lhe:

— O sr. é catholico?

— Sim, sr. padre, sou catholico. E com accento agradavel proseguiu:

— Desejo estar hoje junto dos meus. Embora eu, negociante como sou, não aprecie muito in-

terromper as minhas viagens, quero estar em casa pela festa de S. José.

— Ah! é verdade, é amanhã a festa de S. José.

— E' com certeza o seu padroeiro, não é?

— Não, sr. padre, não me chamo José, porém, minha mulher se chama Josephina. E' por isso que o dia de amanhã me é caro e muito mais por um outro motivo.

O negociante se calou e parecia presa de uma viva emoção. Mesmo uma lagrima brilhou em seus olhos.

O padre, um tanto admirado, perguntou-lhe:

— O sr. é certamente um servo reconhecido do grande S. José, não é assim?

— Oh! sem duvida, porém, só de alguns annos para cá.

Calou-se de novo. O padre imitou: não queria forçar a confiança de seu interlocutor. Houve, pois, uns instantes de silencio. Entretanto, o negociante parecia preocupado, como alguém que se consulta interiormente.

Por fim rompeu o silencio:

— Sr. padre, devo dizer-vos tudo para gloria de S. José. E podereis mesmo publicar esta historia.

— «Minha educação, que foi solidamente catholica a principio, deixou muito a desejar mais tarde. Minha boa mãe morrera; meu pae, homem do mundo, pouco se occupou de minha educação. Tornei-me o que se tornam, infelizmente, muitos jovens de nossos dias, indifferente, irreligioso; abandonei os meus deveres de christão e não pensava mais em Deus. Mas, Deus não me abandonou: creio que minha boa mãe orava por mim

no ceu. Tornei-me negociante; Deus abonçava todos os meus negocios. Despozei aquella que faz a felicidade de meus dias e que o bom Deus mesmo, em sua misericordia, escolhera para minha companheira. Josephina era tão boa, tão piedosa, que jamais se casaria commigo se me tivera bem conhecido. Porém, eu simulava sentimentos religiosos, o que não me ia pela alma: tive a triste coragem de ser o protagonista de uma tão vergonhosa comedia.

O casamento pois, se fez. Pouco tempo depois de nosso casamento, joguei a mascara fóra. Minha pobre companheira, por vezes, quasi morria de dor. Ella me supplicava; porém, tudo era inutil. Eu a amava e, não obstante, zombava della ao vel-a fazer suas devoções, á tardinha, ante um pequeno altar de São José e da S. Virgem.

Um dia, faz cinco annos, lhe offereci, pela occasião de seu anniversario, um rico presente. Ella o aceitou, desfazendo-se cordialmente em mil agradecimentos; porém, com uma voz debil e hesitante me disse:

— Ha um outro presente, unico que me tornaria feliz.

— E qual é este presente?

— A tua alma, querido esposo, e rompeu em soluções. Esforcei-me para consolal-a, porém, ella não cessava de chorar.

— Pede-me tudo o que quizeres, disse-lhe eu, e te promettò fazel-o.

— Então, vem commigo, esta tarde, á igreja: ha pratica e bençam.

— Pois, querida, podes enxugar tuas lagrimas: eu te acompanharei.

A' tarde, dirigimo-nos á igreja.

A igreja estava repleta de fieis. O padre sobe ao pulpito e embora falasse eloquentemente, eu me conservava um tanto frio e indifferente. Uma só coisa me tocou. O prégador, jovem ainda, dissera, com accento de uma ardente convicção, que jamais uma pessoa invocava a S. Jo-é sem experimentar logo sua poderosa protecção e concluiu: «tenho firme confiança que si o proprio incredulo, no perigo imminente, invocasse a S. José, este grande Santo viria em seu soccorro».

Sahindo da igreja minha mulher me disse:

— Caro esposo, estás sempre em viagem. Promette-me em tuas viagens e sobre tudo em momento de perigo, dizer esta prece: «S. José, orae por mim; S. José, soccorrei-me?»

— Sim, t'o prometto, isso não é difficil.

Pouco tempo depois eu viajava nesta mesma estrada: voltava para Colonia. Na classe em que eu ia iam seis pessoas. Estavamos pouco mais ou menos nesta alturas em que estamos, quando o apito da machina se fez ouvir em signal de alarme e logo ha um choque tremendo.

— S. José soccorrei-me, exclamei, saltando de meu assento. Tudo isto fóra questão de instantes. Os cadaveres de meus seis companheiros jaziam, em estado horrivel, entre as ruinas dos vagons: eu só, por um milagre, tinha escapado, soffrendo apenas umas leves contusões.

Desde esse dia, sr. padre, tornei-me de novo catholico. Todos os annos, no dia 19 de Março, sou eu quem orna de flôres e luzes o altar de S. José e, de joelhos, com minha mulher e filhos redigo, com um reconhecimento que o tempo, não consegue enfraquecer a prece que me salvou:

«S. José, orae por mim; S. José, soccorrei-me!»

A. M. D. G.

Ad majorem Dei gloriam

TALVEZ os leitores ainda não tenham reparado, e poderão agora reparar, que no fim de seu trabalhos muitos auctores costumam collocar essas quatro lettrinhas enigmaticas: A. M. D. G.

Eu entendi de fazer o mesmo, e agora, depois de ter escripto tantos artigos sobre as verdades catholicas, eu os encerro com as santas quatro lettras mysteriosas, A. M. D. G.

O que significam essas lettras?

«Ad majorem Dei gloriam,» e em nossa lingua portugueza, quer dizer: «A' maior gloria de Deus.»

Entremos em algumas explicações.

Deus é o auctor de todas as cousas e de tudo que existe; por Elle, e para Elle, foi creado tudo, e por isso, naturalmente, e com toda a razão, tudo deve tender para Elle, como seu principio e como seu fim soberano.

Como principio, emquanto á intenção, e como ultimo fim, emquanto á execução.

De sorte que, qualquer acto que faça o chris-

tão, ou coma, ou beba, ou falle, ou escreva, ou esteja em vigilia, ou dormindo, ou ande, ou esteja descansando, é necessario que tudo isso o faça para a gloria de Deus e pondo no principio e no fim de seus actos esse motivo, isso para honra e gloria de nosso Deus e Soberano Senhor.

Assim o declara manifestamente o grande Apostolo, n'uma de suas mais famosas cartas, e mesmo que o não houvera declarado a propria razão nol-o declara.

Escutemos o Doutor das Gentes, que usa de palavras de grande authority:

«Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outro acto, tudo deveis fazer para a gloria de Deus. (Corinth. X, 31).

S. Paulo repete o mesmo em outro lugar: «Tudo quanto fizerdes, ou por palavras, ou por obras, tudo deveis fazer em nome de N. Senhor Jesus Christo, dando por meio d'Elle, graças ao Eterno Pai.

«Coloss, III, 17.»

A razão é evidente.

Nós fomos creados por Deus e tudo o que temos nos veio das mãos de Deus e nos foi dado por sua misericordia.

Deus é o nosso legitimo dono, e segundo o principio do direito:

«Os fructos de uma arvore pertencem ao dono da mesma arvore.»

Se pois Deus é o nosso dono e nós somos arvores plantadas na vida, por Elle, é de justiça que todos os nossos actos sejam feitos para a gloria do mesmo Deus.

D'aqui nasceu aquelle tão bello pensamento, que todo christão, principalmente os propagandistas da verdade, devem collocar como regra fundamental de todos os seus actos: «Nenhum de nós vive para si, e nenhum de nós morre para si, pois se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, para o Senhor morremos; logo, ou vivendo, ou morrendo, somos sempre do Senhor. (Rom. XIV, 7 e 8.)

Isso é decisivo, categorico e terminante.

Céos e terra, feras e aves, cumprem, desde o primeiro dia de sua criação, esta dulcissima lei, que é a razão fundamental de sua existencia.

Para isso foram creados todos os seres, isto é, para glorificar a seu soberano Author.

E o cumprem mesmo não conhecendo o seu nobilissimo fim.

E o homem, unico ente, que abaixo do Anjo, ao fazer seus actos póde gozar-se com o glorioso fim dos mesmos, porque conhece-o e póde avalial-o; o homem, á quem, por sua honra, foi imposta uma obrigação não necessaria, porém livre, para que, como ente livre, rendesse ao Creador a homenagem de sua espontanea sujeição, o homem, digo, tudo isso esquece, e tudo renega.

E como aquelle desventurado que a fabula representou (allegoria da verdade) orgulha-se com os dons que recebeu de Deus, e sóbe ao céo, roubando ao poderoso dono a homenagem que só á Elle deveria ser prestada.

E elevando-se á si proprio como idolo e falso Deus de todos seus pensamentos, não para Deus, mas para sua propria e mesquinha gloria, pensa, falla, escreve, procede, emprehende cousas importantes, e arrósta as maiores difficuldades.

E notem bem.

Tudo isso o homem faz não para glorificar á Deus, mas, para si, para seu proprio renome, para sua fama, para a vaidade, para a conveniencia propria, n'uma palavra, para a adoração pessoal.

Digam si isso não é um furto feito á Deus, com a mais vil aleivosia, porque se commette, atacando á Deus com as proprias armas que Elle nos deu para servil-O; nós arrancamos, ignominiosamente ao Senhor, do seu altar e tomamos o lugar d'Elle, e nos assentamos sobre Seu throno!!

Idolatria! idolatria!

Mil vezes peor, pois não é sómente idolatria, mas tambem autolatria, ou, o culto do homem prestado por si proprio, e á si proprio, que é o insulto mais horrivel que póde dirigir-se á Divindade.

Contra esse crime, que foi causa da queda dos anjos, no céo, e é, aqui n'este mundo, a causa, quasi sempre, das mais terriveis quedas dos peccadores, deve sempre viver prevenido o fiel christão, e trazer sempre diante dos olhos, esse lemma sagrado: A. M. D. G., e pôr, sempre, em face da tentação, quando quizer nos seduzir para a vangloria. A. M. D. G.

(Continúa)

DR. F. S.

O Missionario sertanejo

XIX

A festa de S. João no sertão

ERAM cinco horas. A tarde estava secca e fria. Após uma longa viagem, defendido pelo meu grosso capote de lã, cheguei afinal aos campos de S. João, onde me estavam esperando. Uma grande festa se preparava em louvor do Santo bemdicto. Ainda estava longe e um rapazito, que me viu, deu a voz de alerta, dizendo: O padre, o padre. Correndo como um veado entrou em casa communicando a noticia da minha chegada: Papai, o padre está ahi. Na porta fui recebido por todo o pessoal da casa e por todos os presentes que eram muitos. Saudei-os com as palavras: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo,



CHRISTINA — Menino Ismael, filho de João Lourenço de Noronha Luz e Izaltina de Noronha Luz, favorecido pelo I. Coração de Maria

que todos responderam, com um, para sempre Amen. Vossuncê está bom? Graças a Deus vou indo bem. Por cá não ha novidade, louvado seja Deus. Vossuncê apeie e vamos entrar... disse-me o chefe da casa. Reinava por tudo grande animação; as cozinheiras iam de cá para lá numa lufa lufa incessante e penosa. Lá por fora o tio Mattoso dava as ultimas pinceladas no mastro, do qual era capitão e uma sua filhinha chamada Collecta era alferes da bandeira. O tio Roque não cabia em si porque a sua fogueira estava colossal e de boa madeira. De quando em quando estouravam as bombas e a meninada corria e berrava garrula e inquieta repetindo sempre: Viva S. João, viva á!... A' noitinha houve resa em louvor do Santo e logo após recomeçou a gritaria da rapaziada que em torno da fogueira ululava, pulava

por cima, arrebatavam os pinhões nas brasas e por tudo estalavam gargalhadas estrepitosas.

No terreiro e no interior da sala os tocadores afinavam os instrumentos e logo aos accordes das violas e da gaita os roceiros saracoteavam estrepitosamente no compasso uniforme e monotono do fandanguinho sertanejo. Uma voz clara e maviosa dominou o recinto, dizendo :

Nesta noite memoravel
De risos e de folguedos
Pulam e cantam festivos
Os corações roceiros.

O barulho augmenta, os applausos e gargalhadas echoam e os instrumentos musicos continuam acompanhando. O Pedrinho deixou-se ouvir de novo cantando melancolicamente esta outra espirituosa canção :

Minha sogra já morreu
E era tão linda e boasinha
Que até os gatos fugiam
E a deixavam sosinha.

Riram os moços, arrufaram-se as velhas e todos batiam palmas.

Só as creanças, que alheias a todo esse movimento, contornando a fogueira que a estas horas crepitava, polvilhando de fagulhas de ouro o espaço e roda, como bandos de perequitos comiam espigas de milho verde torrado e grandes pedaços de rapadura. Sentado numa pedra, que no terreiro havia, palestrava com outros homens serios e amigos e embora um pouco longe da sala barulhenta percebia e escutava tudo. A noite estava bella e feiticeira. A lua como uma rainha deixa cair a jorros suas madeixas prateadas de luz meiga. Circulos azues e vermelhos a rodeavam sem atrever-se a tocar-a. Cantavam os grillós por fóra e os sertanejos por dentro, todos festejando com barulhos e risos o Santo bemdicto. Ardiam os ultimos pés da fogueira sempre rodeiada da gatinha miuda e brincalhona. Como são felizes estas gentes ! Divertem-se a valer sem perigos na alma, nem no corpo com a innocencia e simplicidade dos filhos dos sertões. Não dão pela falta das bandas musicas, nem dos gramophones, cinemas, clubs, theatros e outros divertimentos recreativos e nocturnos das nossas cidades que tanto estragam a saude do corpo, matam e arruinam a innocencia da alma. Despedi-me como poudo do patrão e amigos com um louvado seja... e boas noites, e fui embora descançar, tendo recommendado ao dono da casa que acabasse logo com aquelles divertimentos, pois era necessario dormir para assistir á missa e demais actos religiosos do dia seguinte em louvor de S. João. Antes de chegar á casa que me hospedava reparei que já tinham acabado com tudo. Amanheceu o dia de S. João, lindo e poetico como todos os dias limpos nestas terras sertanejas. A's primeiras horas já foram chegando os devotos roceiros. A's dez horas chegavam os que mais longe moravam. Pairava nos rostos de todos a alegria dos bons christãos. As mulheres e donzellas sertanejas, gentis e bellas, sem luxo nem modas, sem pós, nem tinta na cara, sem chapeus

extravagantes e luxuosos ; modestas e humildes como os primeiros christãos da Egreja, com as suas saias compridas de chita de todas as cores, com os seus lenços de seda ao pescoço, elegantes como rainhas do sertão iam apeiando briosas dos cavallinhos zainos, brancos e vermelhinhos. A rapaziada trajava com elegancia e limpeza, ostentando as mais ricas correntes de ouro e prata. Entrou a missa, houve muitas communhões, se resou o rosario, bellos canticos acompanhavam a cerimonia religiosa. Depois da missa foi erguido o magestoso mastro do tio Mattoso e a rica bandeira de S. João, promessa da innocentinha Collecta. Não faltaram foguetes e estrondo de bombas, houve vivas entusiastas erguidos pela rapaziada sobre tudo quando appareceu no alto olhando para a casa a imagem do Santo glorioso. A' tardinha sahiu a procissão. S. João bemdicto percorreu a estrada cortando os cannaviaes, os milbraes e os fejoaes, por entre fileiras de pinheiros robustos, sob a sombra das pitangeiras, goiabeiras e lorangeiras, que como incenso sempre em brasas lançavam perfumes deliciosos e estonteantes. Os devotos roceiros acompanhavam o Santo com religiosa devoção, cantando a ladainha e outros canticos.

Dois acontecimentos, porém, vieram turbar o giro da procissão. Foi o primeiro que um foguete arrebatou um ninho de marimbondos. Graças a S. João nada nos comprometteram livrando-nos das suas justas iras. Outro foi achar-se a procissão no meio da estrada com dois bois barrocos e bravos que estavam brigando. Ave Maria ! Cruz ! S. João bemdicto, gritaram, porém sem espantar-se nem fazer barulho as mulheres. Credo ! disse a sinhá Philomena, brigarem hoje e diante do Santo, parecem protestantes ! Os animaes vendo tanta gente sumiram-se pelo campo adentro, como dois carneirinhos, talvez pela virtude e protecção do Santo festejado é que nada aconteceu. Chegou a procissão a seu termo e o Nhonho Raymundo ficou tão entusiasmado que dentro da capella ergueu um viva a S. João, mas foi tão caipora que ninguem lhe respondeu. O rezador cantou ao Santo com os outros roceiros, dizendo :

S. João glorioso, o Santo bemdicto, dai-nos uma boa colheita de feijão e milho, glorioso S. João, Santo sem igual, livrai-nos da peste e de todo o mal. Reparti alguns santinhos e medalhas, dei-lhes alguns conselhos de bom viver. Concluindo assim a nossa festa deixando fundas saudades nos animos de todos.

Pediram-me que voltasse e lhes prometti fazel-o. O Joãozinho, rapaz intelligente e simpathico disse como despedida.

Viva S. João
Vivam os roceiros
E o nosso vigario
Meigo sertanejo.

Ouviu-se um viva prolongado e entusiasta pronunciado por todos. Dei um abraço ao Joãozinho, agradei a todos e despedi-me com as sagradas palavras : Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo e que vos façam felizes. Fazendo a cruz responderam todos : Para sempre, e que Deus lhe acompanhe, Amen.

CONTINÚA

Favores do Coração de Maria

E DO VENERAVEL PADRE CLARET

POÇOS DE CALDAS — D. Maria do Camo dos Santos e sua irmã Lyra publicam a promessa que fizeram e offerecem uma novena de communhões pelas almas do purgatorio.

GUARATINGUETA' — Uma filha de Maria desta cidade obteve a saude para uma pessoa de sua casa e em cumprimento da promessa que fizera manda 5\$ para celebrar uma missa em louvor do Coração de Maria, e suffragio das almas do purgatorio. — Outra devota da mesma urbs agradece ao purissimo Coração de Maria uma graça recebida e manda 1\$000 para a publicação. Cecilia Gaya

A CORRESPONDENTE

ITAPETININGA — Uma assignante para externar a sua sincera gratidão por diversos favores recebidos e outros que espera, manda 3\$000 para uma missa por alma de Gabriel e 2\$000 para o Santuario do Coração de Maria.

SANTA RITA DE PASSA QUATRO — Um assignante agradecendo uma graça alcançada manda dizer 5 missas sendo uma ao C. de Mariz, uma pelas almas, uma para conseguir a beatificação do P.^o Claret, uma pela alma de Antonio Baptista e uma pela alma de Maria Gertrudes.

NICTHEROY — Maria Isabel Neves de Almeida rende graças ao Immaculado Coração de Maria por ter sido feliz nos exames da Escola Normal.

FRIBURGO — Sophia Gil da Silveira envia 5\$000 para sua assignatura da «Ave Maria» e mais 2\$000 por graças alcançadas do Ido. Coração de Maria. — José Guariglia e Maria de Lourdes Guariglia offerecem 5\$ para velas a Ido. Coração de Maria. — D. Maria Alves Correia agradece uma graça recebida, e pede mais uma outra espiritual. Penhorada entrega 2\$000 para o Santuario. — D. Luisa de Moraes, esmola para o Santuario, 2\$000.

SÃO GONÇALO DE NICTHEROY — O Illmo. Sr. Adolpho C. de Sá e Benevides manda dizer uma missa por alma de Manoel Benevides.

ITAJUBA' — Candida Rodrigues de Oliveira agradece penhorada ao Coração Immaculado de Maria uma graça importante e manda 1\$000 pela publicação. A Correspondente Luisa B. Miranda — Uma Filha de Maria pede aos leitores da «Ave Maria» uma Ave Maria para obter uma graça.

PORTO ALEGRE — Julieta dos Santos: Agradeço ao glorioso São José tres graças que ha tempos almejava, por interceção de Sta. Therzea de Jesus. Ermelinda Bittencourth e Silva nos envia 9\$000 para serem rezadas 3 missas pelas almas de Henriqueta Esteves, Anna, Gertrudes, uma ao Im. Coração de Maria, ao qual fica muito grata. — Honorina Freitas: Agradeço ao Purissimo C. de Maria o ter minha cunhada recebido os Sacramentos estando gravemente enferma, sendo que os recusava.

BARRA DO RIBEIRO (R. G. do Sul) — Antonieta Vieira da Silva reconhecida por ter sarado de uma grave doença assigna á «Ave Maria» em nome de sua filha.

CACHOEIRA (R. G. S.) — Alice Abreu; Tendo obtido um favor do Sagrado Coração de Maria venho externar meu reconhecimento, e peço o favor de publicar na «Ave Maria»

Inattencção perigosa...

Em Juiz de Fôra edita-se um jornal, o *Diario Mercantil*, sob a direcção do sr. dr. Pinto de Moura. E' um jornal bem feito de orientação sympathica e feição agradável. No entanto...

No entanto, torna-se-nos necessario chamar a attencção de seu distincto director e demais responsaveis pelo *Diario*, para certas inconvenientissimas publicações que nelle se tem feito, a titulo de collaboração artistica, mas que constituem leitura perniciososa e evidentemente má. Bem sei que muitas vezes á direcção de um jornal escasseiam tempo e vagar para examinar detidamente certa materia de collaboração literaria, apparentemente inoffensiva por isso mesmo que para espiritos desprevenidos não passam taes contos e poesias de *nonadas de literatura*; louvam-se assim os redactores, maximé quando apenas transcriptores, no nome que firma a peça: é Bilac? é Coelho Netto? é Hermes Fontes? Logo, literariamente o trabalho é bom. Cortam-n'o d'onde o têm, collam-n'o a uma tira, enviam-n'o á composição e pouco depois ahí tendes o veneno, a má obra, o má e pernicioso trabalho a penetrar nos lares incautos e a instillar nelles a peçonha!

E' o que tem, algumas vezes infelizmente não poucas, acontecido com o, nos demais aspectos, muito apreciavel *Diario Mercantil*, de Juiz de Fôra. Não será bem recebido o aviso, ao mesmo tempo apello confiante, que dirigimos a sua illustrada direcção, a seu distincto director, Dr. Pinto de Moura, para que ao mais meticuloso exame sejam submettidas as peças literarias a inserirem-se em seu jornal, não apenas e simplesmente sob o ponto de vista da arte literaria, mas principalmente sob o de sua conveniencia religiosa e social e de sua excellencia ou nocividade no quanto se refere á moral christan?

Estamos certos que no *Diario Mercantil* semelhantes deslizes não mais se reproduzirão. E realmente é pena que tão tristes senões afelem jornal por outros titulos tão digno de nosso applauso e nosso apoio.

JULIO TAPAJÓS

SÃO JOSÉ

ITE AD JOSEPH!

Almas que andaes buscando um norte nas tormentas das provações que o mundo ingrato vos prepara, roubando-vos, talvez, uma illusão bem cara, ou talvez vos chamando ás pugnas mais cruentes.

não vos desesperéis nessas horas tão lentas, que o desespero agrava o mal e o não repara: recobrae novo ardor e uma esperanza rara; voltae-vos para os ceus, confiantes e attentas.

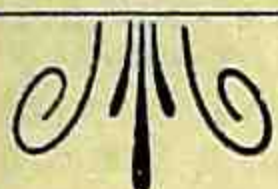
Almas que procuraes um norte, ide a José!
Aquelle que guardou a Flor de Nazareth,
o archanjo que velou no berço o Terno Infante,

será essa bemdicta estrella mensageira
que vos ha de mostrar a senda verdadeira:
será vosso custodio e guia a todo instante.

H.



ACCEITEMOS A LUVA



Deploravelmente, a *Revista da Semana* insiste em seus insultuosos chasqueios, a proposito da oportuna, sábia e moralizadora pastoral com que o venerando e santo Arcebispo de Marianna fulminou as immoralissimas modas femininas de hoje, que se vão extendendo pelo paiz como praga damninha, desmoralizadoras dos costumes, corruptoras das familias, pervertedoras de donzellas e de senhoras, em que destrõem a prenda, o dote, a virtude que lhes é mais bella e mais dignificante: o pudor.

Agora, em sua edição de 19-2-16, a *Revista da Semana* finge abrir uma especie de escrutinio entre suas leitoras, para saber-lhes a opinião a respeito; forja algumas fantasticas respostas cuja autoria conserva incognita, e publica-as, inconvenientes e tolas, evidentemente impossiveis de terem sido expostas por senhoras, dignas deste nome. E isso mesmo logo se percebe, quando o primeiro typo das *femininas votantes* do plesbício da *Revista da Semana*, Mlle. L., é descripto pela propria revista como senhorita de «algumas viagens a Paris, cabellos oxygenados, e pratica no tango...» E' possivel, que os devotos dessas praticas, condenadas pela Igreja em nome da moral, sejam tambem devotos das outras, das nudezas impudicas, das modas fulminadas pelo veneravel Arcebispo de Marianna, como aliás primeiramente pela Igreja e todas as autoridades ecclesiasticas, como sem duvida são e serão combatidas por todas as familias christans, por todas as senhoras honestas, sensatas.

Errou mais uma vez o alvo a *Revista da Semana*. Si se tratasse de uma simples questão de elegancia esthetica, vá que a suas leitoras mundanas e ao mundo das ventoinhas unicamente preocupadas com as futilidades das rendas e fitas se dirigesse: é nesse sentido que talvez pudessem ellas discretear, de accordo com seus mestres e inspiradores parisienses da *rue de la Paix*; mas do que se trata nas modas actuaes não

é de sua elegancia mais ou menos pretendida, e sim de sua evidente e perniciosissima immoralidade, e isso não compete julgar aos costureiros de Paris, porém aos zeladores da moral na sociedade christan, que são os prelados e demais representantes da Igreja. A estes, neste assumpto, não lhes cabe apenas o direito de combater e fulminar essas praticas perniciosissimas e indecentes, aviltadoras do pudor das senhoras e dissipadoras da honra das familias: cumpre-lhes tambem o dever, a imperiosa obrigação de fazel-o. Num paiz, numa sociedade christan, como a nossa, é a voz dos Prelados que em assumpto de moral devemos ouvir, e não a dos profissionaes de mundanidades ridiculas, que si sômente fossem ridiculas pouco mal trariam, mas que são essencial e perversamente offensivas e perigosas ás virtudes christans.

E' essa voz, essa voz que terminantemente condemna e proscreeve praticas talmente nocivas, que a Família Brasileira deve ouvir, e não a dos manequins e bonecos da *rue de la Paix* ou da Avenida Central.

A *Revista da Semana*, deploravelmente desviada de sua antiga orientação, entende iusurgir-se agora contra isso. Pois bem: ameaçados em nossos lares por semelhante propaganda perniciosissima, e ao mesmo tempo vindo por essa publicação insultada a autoridade da Igreja, outro procedimento não podemos ter, outro procedimento não devem, não podem ter as familias, as senhoras catholicas brasileiras, que não o de collocarmos-nos ao lado e sob a égide dos nossos Bispos, e expulsarmos do seio de nossa intimidade honesta, das vistas de nossas esposas, de nossas filhas, de nossas irmans, essa *Revista da Semana* que, sob o rotulo de falsa elegancia, pretende doutrinar-lhes a immoralidade.

Graças a Deus, não precisam nossas familias, de arriscarem-se a soffrer o ultrage das inconveniencias da *Revista da Semana*, para delectárem-se com leitura elegante, com trabalhos artisticos, com obras primas da arte e do bom gosto: substituam essa *Revista* por outra, que felizmente agora ahí está, e em tudo, sob todos os pontos de vista, lhe é infinitamente superior: *Selecta*, a primorosa revista de literatura e arte, especialmente editada para as senhoras.

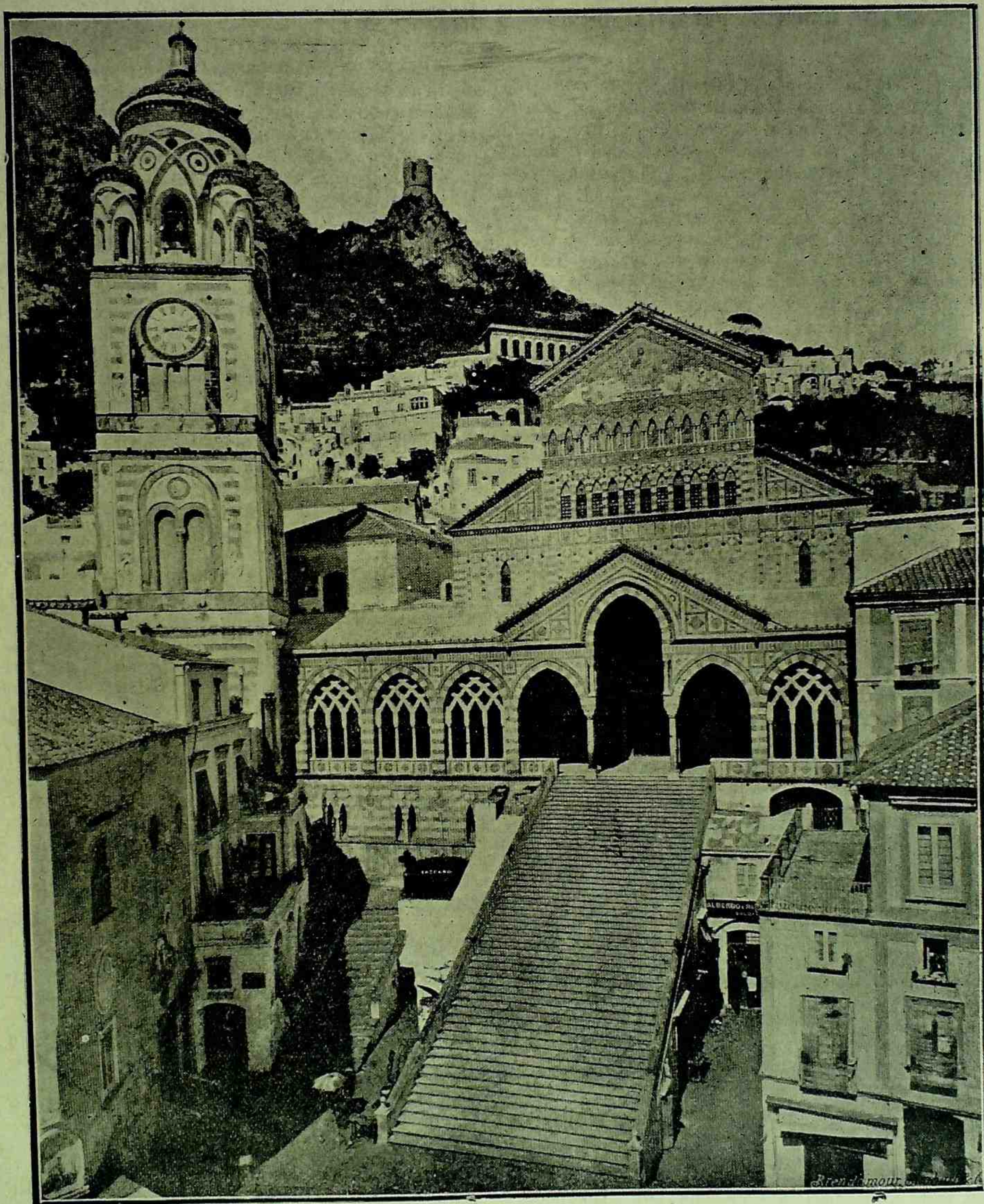
A *Revista da Semana* deve ser proscripta do seio da Família Catholica. Prohibamos-lhe sua entrada em nossos lares: ella já não é digna de nelles penetrar.

JULIO TAPAJÓS

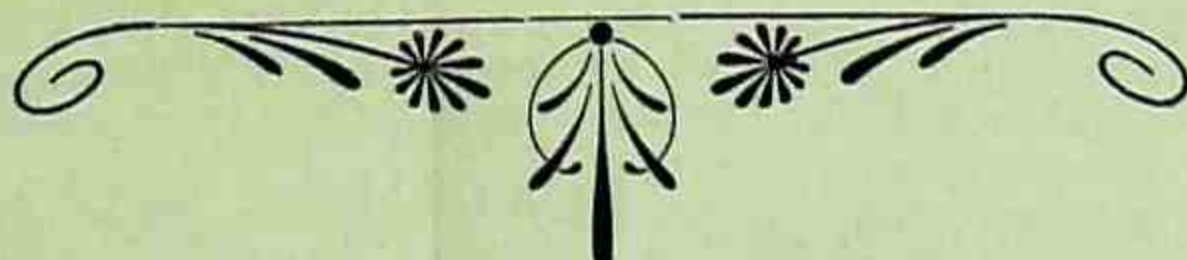


Escola Publica dirigida pela sra. d. Dioneta Rita Teixeira, na Villa Thereza, (R. G. do Sul), assidua leitora e assignante da «Ave Maria»

Monumento de arte christã



AMALFI — Cathedral de Sto. André, edificada no seculo XI



A fé dos primeiros christãos das Catacumbas

CULTO DE MARIA NA PRIMITIVA EGREJA

O CULTO de Maria Santissima, este culto tão caro ao coração dos catholicos, não foi *inventado*, como diz o Archeologo Roller, por Procolo de Constantinopla no seculo V; não Senhor; começou no Calvario quando Christo moribundo, voltando-se ao Apostolo João, lhe disse aquellas memoraveis palavras: *Ecce matter tua!!*

Quem quer que tenha um pouco de conhecimento da historia ecclesiastica, sabe que ja no II seculo S. Irineo deo á Virgem o bello titulo de *advocata*; titulo este que traz consigo a idea de intercessão; e ja nos primeiros seculos as liturgias collocavam a Virgem com grande honra antes dos nomes dos martyres e dos Apostolos. Assim, por exemplo, na liturgia antiquissima de São Thiago le-se a seguinte exhortação: «*façamos commemoração da Santissima e immaculada sempre Virgem Maria Mãe de Deus e de todos os santos, a fim de que pela sua intercessão possamos todos alcançar misericordia.*»

Mas, este culto antiquissimo de toda a Christianidade para com a Virgem Maria é confirmado claramente pelos monumentos das catacumbas romanas; pois, entre as pinturas que adornam os cubiculos, os loculos e os arcosolios, não raras vezes encontramos a Virgem representada.

Não deve causar nenhuma admiração o facto de não se ter encontrado ainda nenhuma representação da Virgem, anterior ao seculo segundo, como objecto de culto externo; pois, um tal culto nos primeiros seculos de perseguição não podia ser muito explicito, porque vivendo os fieis no meio das superstições idolatricas temiam com razão que este culto da Mãe de Deus fosse interpretado em diverso sentido do seu verdadeiro significado. Por isso é que os Christãos evitaram cuidadosamente toda exterioridade que pudesse crear confusão entre a sua religião toda espiritual e as praticas supersticiosas da idolatria. O mesmo Christo era então representado sob forma symbolica ou como personagem historico; somente mais tarde, isto é, nos seculos da paz, é que começamos a encontrar a figura de Christo isolada, com o seu typo real e como verdadeira imagem de culto.

As principaes representações da Virgem encontram-se nas catacumbas de Priscilla, Domitilla, e no Ostrianum e quasi sempre effigiadas de dois modos: sentada com o menino Jesus nos braços, ou de pé, com os braços erguidos em forma de orante. (*)

Quando se nos apresenta no primeiro modo, não ha duvida na interpretação; enquanto que as imagens do segundo são mais difficeis a se reco-

nhecer com exactidão. E' certo porem que os antigos christãos pintando a *orante* entenderam muitas vezes representar a Virgem, como o demonstram alguns vidros cimenteriaes do III e IV seculos, onde ao lado de tal figura, está escripto o nome MARIA. MARIA AGNE MARIA.

Entre as imagens da Virgem a mais antiga de todas é sem duvida a que se encontra nas catacumbas de Priscilla, na *Via Salaria*. Na decoração de um cubiculo sepulchral, á direita de quem entra, vê-se um grupo de pessoas: uma mulher sentada com uma criança ao collo, e um homem imberbe com um rotulo na mão esquerda enquanto que com a direita aponta uma estrella posta sobre a cabeça da figura sentada. Sobre a interpretação desta scena não ha difficuldade alguma para quem tem um pouco de pratica com as antigas composições da arte christã.

O personagem que se vê de pé não pode ser outro senão o propheta Isaias que prophetisa a luz divina, figurada na estrella, segundo reza a Escriptura em Isai. IX, 2 «*populus qui ambulabat in tenebris vidit lucem... lux orta est eis*» E a mulher sentada com o infante ao collo é a Virgem Maria, como se deduz claramente da estrella, que em outras scenas da Epiphania apparece sempre a indicar o recém-nascido Jesus.

O estylo classico pompeano desta pintura, e o logar que occupa, permitem fixar a data da sua execução aos primordios do seculo II.

Mas, entre as scenas sepulchraes, os christãos representavam com predilecção a da Epiphania, que lhes recordava continuamente a vocação de seus paes das trevas do paganismo á luz da verdade; e esta é a razão porque encontramos muitas vezes esta scena em muitos cimiterios e duas vezes em uma mesma catacumba.

No cimiterio de Domitilla, na parede da galeria de ingresso, depara-se logo á vista do visitante uma de taes scenas da Epiphania, do III seculo. Vê-se alli a Virgem Maria sentada em um throno, com o menino Jesus nos braços, recebendo as homenagens dos reis magos.

Em outro fresco do mesmo cimiterio encontramos repetida a mesma scena com tres reis magos.

No cimiterio de São Pedro e Marcellino os magos são só dois e a Virgem tem a cabeça descoberta segundo o costume das virgens conagradas ao Cordeiro divino.

De novo, nas Catacumbas de Callixto, em um arcosolio do III seculo, ha outra scena da Epiphania com tres magos.

Finalmente no Cimiterio *maior* encontra-se um novo typo da Orante: Maria esta só, com os braços erguidos como *orante* e com o menino no collo.

Para não ir muito longe, diremos tão somente que no cimiterio de Comodilla, de São Valentino, e em outros encontram-se representações da Virgem a partir do seculo II até a epocha da paz Constantiniana.

Demais das pinturas mencionadas acima, encontram-se ainda um grande numero de pequenos objectos de vidro, de marfim e de ouro onde vemos Maria, as mais das vezes, sob forma de *orante*.

Como pois explicar a presença de tantas re-

(*) Por *Orante* entende-se uma figura, de pé, com os braços erguidos conforme o antigo uso Oriental e Romano. Nas Catacumbas ordinariamente tal figura representa a alma do defuncto, que na gloria, intercede pelos vivos; mas algumas vezes representa a propria Virgem Maria.

presentações da Virgem encontradas sobre as paredes das Catacumbas, sobre vidros dourados e sobre sarcophagos, sem admittir que os primeiros christãos tivessem um culto e uma devoção especial para com a Mãe de Deus?!

Seria um contrasenso!

Fica pois accertado que os monumentos das catacumbas, postos em parallelo com as antigas orações liturgicas e com os escriptos dos Stos. Padres e esculptores Ecclesiasticos dos primeiros seculos, attestam concordes que os christãos primitivos uniram o culto de Maria ao culto de seu filho e redemptor nosso Jesus Christo.

P. JOSÉ DE MELLO

Correspondencias

A VIDA RELIGIOSA EM PORTO ALEGRE

Dia a dia a capital do glorioso Estado do Rio Grande do Sul vae despertando de sua indiferença e seguindo destemidamente os caminhos luminosos da Religião Catholica fundada por Jesus Christo.

Tem-se que lutar, é verdade, com seitas mais ou menos enraizadas, e que contam muitos adeptos importados de paizes estrangeiros, porém emtanto ellas levam na sua constituição os germens do radicalismo, que lhes impede estender sua influencia venenosa, a Religião Catholica vae registrando no catalogo dos seus filhos muitas almas cansadas dum culto frio que nada fala e para nada vale.

A vida eucharistica tem tomado um incremento animador e até superior a toda expectativa. Igrejas ha nas quaes no decurso de poucos annos, de algumas dezenas de communhões annuaes têm attingido o numero de vinte mil e mais communhões.

As associações religiosas gozam de vida exuberante, e o mais consolador é, que a devoção vae communicando-se ao sexo mais forte, arregimentando verdadeiras hostes de homens esforçados que não se envergonham de confessar sua fé, e de chegar-se diariamente com humildade e edificação á mesa eucharistica.

Este progresso religioso tem obrigado a nosso dignissimo Arcebispo Metropolitano a crear no breve espaço de dois mezes, quatro novas parochias, e vae ser já creada outra, para facilitar ao povo catholico o cumprimento de suas obrigações religiosas. As parochias creadas são: a da *Sagrada Familia*, confiada ao Rvmo. P. Manoel Canel; a da *Gloria*, tendo por vigario ao Rvmo. Dr. José Maria Baleu; a de *Therezopolis*, sendo vigario o Rvmo. P. Pedro Frank; e a da *Piedade*, dirigida pelo Rvmo. P. Mathias Wagner. Tendo em conta o bom espirito e zelo ecclesiastico que anima os referidos sacerdotes podemos prometter-nos que dentro em breve essas novas parochias terão exuberante vida religiosa.

Uma graça especial acaba de conceder o Santo Padre Bento XV a esta Archidiocese de Porto Alegre. E' a criação do *Cabido Archidiocesano* segundo os moldes traçados no Concilio Latino-Americano, e com privilegios que muito honrarão os dignos sacerdotes que sejam chamados pelo Sr. Arcebispo Metropolitano a gozar da dignidade do canonicato.

Receba desde estas paginas nossas sinceras felicitações o Exmo. Sr. arcebispo Metropolitano Dr. João

Becker pelo brilhante exito de suas gestões junto á Santa Sé, e que o novo cabido archidiocesano, seja verdadeira assemblea de homens illustres, que com as suas luzes collectivas auxiliem a S. Excia Rvdma, no recto governo de sua extensa archidiocese.

Porto Alegre 25 de Fevereiro de 1916

P.º Feliciano Jagüe C. M. F.

PORTO FELIZ

Movimento religioso. — Encerramento do retiro espiritual — Communhão geral dos homens e primeira das crianças. — Conversões. — Matrimonios legitimados.

Conforme indiquei em minha ultima correspondencia, foi encerrado o retiro espiritual para as creanças, e as conferencias para os homens no dia 27 de Fevereiro proximo findo, com uma communhão geral de 800 pessoas, na missa celebrada pelo revmo. P. João Menendez, que não poupou esforços e nem sacrificios para solemnizar com muitos fructos estes tocantes actos, edificando a todos com suas santas palavras e ardorosa constancia em tão arduos trabalhos, provando com isto o seu zelo incansavel pela salvação das almas! Nestes tempos calamitosos que atravessamos, foi um verdadeiro enviado de Deus!... No dia vinte do referido mez, o revmo. P. Menendez deu inicio na nossa espaçosa matriz, ás instrucções para os homens e ao retiro espiritual para as creanças de primeira communhão pela ordem seguinte: de sete e meia ás oito e meia horas da tarde, terço, canticos e pratica para os homens, que acudiam ao templo com toda a regularidade, onde com edificante religiosidade, e no meio do mais profundo silencio e respeito ouviam a palavra divina, que penetrava nos corações de todos, como benefico orvalho. De oito ás nove e meia da manhã e de cinco ás seis e meia da tarde, canticos, instrucções catechisticas e pratica para as creanças pelo mesmo padre auxiliado pelas distinctas senhoras Maria Rita Tavares de Carvalho, Julia Aguiar, Luiza de Aruda, Joanna Baptista Aquino, Anna Izabel Aquino, Amazilia de Camargo, Maria Eugenia Torres, Honorata de Carvalho, Eulalia Sampaio e o sr. Silvino de Moraes Fernandes, que muito se esforçaram no ensino do catecismo, e nos preparativos para a festa.

Ao alvorear do dia 27, entre suaves brisas de um ceu diaphano, e ao deparar com lindos arcos de folhagem, as bandeiras nacional e do Papa tremulantes sobre as torres da matriz, tudo nos indicava a grata e encantadora festa a realizar-se. A's sete e um quarto ao alegre repicar dos sinos, ao espoucar dos foguetes, ao som da excellente banda de musica, Euterpe Porto Felicense, partiam em direcção á matriz, em dois grandes grupos, as creanças que pela primeira vez iam receber ao Rei dos Anjos, entoando o hymno Queremos Deus, precedidos de dois lindos anjos com formosos lyrios, e que ás sete horas se haviam reunidos nas casas, os meninos, de d. Maria Fernandes de Camargo e as meninas na da sra. d. Honorata de Carvalho. Bello espectáculo! Sublime, altamente consolador e commovente era a scena que nos offereciam naquella momento solemne trezentas creanças na sua maioria de primeira communhão, com os rostos ridentes de alegria, e como transformados em anjos, e cento e cincoenta de todas ás classes, homens, cortejados e invejados pelas hierarchias celestes no Banquete Eucharistico!...

Benedicta religião catholica; quantas consolações, alegrias e confortos proporcionas aos que te possuem e praticam! Oh! que grande verdade exprimia Sto. Agostinho quando dizia: Oh! Deus, tu nos fizestes para ti, e o nosso coração é inquieto, enquanto não repousa em ti.

Antes da communhão o revmo P. João Menendez dirigiu a palavra aos neo-commungantes exhortando-os a receber digna e santamente a Jesus Sacramentado que vinha a seus corações para dar-lhes a vida da graça e os bens que procura o coração humano, e que o mundo não pode conceder. Após a missa e acção de graças, todas as crianças dirigiram-se á casa da sra.

d. Maria Fernandes, caprichosamente enfeitada, onde lhes foi servido um succulento lunch. A's cinco horas da tarde, partindo das referidas casas, e na mesma ordem, dirigiram-se as creanças á matriz, trajadas de branco, com grinaldas as meninas e laços os meninos, todos com velas na mão. A's cinco e meia o virtuoso e revmo. P. Arthur Diniz, S. J. que aqui veio para auxiliar ao revmo. P. João Menendez, em improvisada e fervorosa pratica, fez conhecer ao numeroso auditorio, seus deveres de verdadeiros christãos, e a renovação das promessas do baptismo.

A's 6 horas teve lugar uma imponente e magestosa procissão pelas principaes ruas da cidade, carregando os meninos de primeira communhão o andor do Menino Jesus e as meninas o da SS. Virgem,



Sta. Cruz — Parochia do Immaculado Coração de de Maria de Villa Mathias (Santos)

ornados pelas exmas. sras. dd. Amazilia Camargo e Maria Rodrigues, no meio de uma ordem, respeito e devoção jamais vistas. O effeito que nos causou tão imponente e respeitosa manifestação religiosa não é para descrever, só sentir! Foi um dos maiores e gloriosos acontecimentos que ficará sempre nos fastos da historia deste povo! E' que os nobres moradores de Porto Feliz, em sua immensa maioria, catholicos, sabem dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar!

As distinctas e virtuosas senhoras Porto Feliceses, são como poucas, verdadeiramente dedicadas no

cumprimento de seus deveres catholicos e sociaes. Houve durante estes oito dias 62 conversões e 15 matrimonios legitimados. Muito se esforçaram tambem para dar maior brilhantismo a tão sympathicas festas entre outras, as exmas. sras. dd. Benedicta Pires de Almeida e Eulalia Sampaio, que promoveram um esplendido leilão para esse fim. Congratulando-me com tão fausto successo, meus parabens e cordiaes agradecimentos ao povo catholico de Porto Feliz, que de maneira tão digna soube corresponder ao chamado do ministro de Deus.

Foi muito interessante e apreciado o theatrinho, que para as creanças do cathecismo e suas familias, se realizou na noite de domingo ultimo, no amplo salão do cinema Eden, sob a direcção da distincta e intelligente senhorita Luiza de Arruda Mello.

Formaram parte do scenario, e desempenharam habilmente seu papel as meninas Benedicta Pires de Almeida, Maria José de Carvalho, Maria do Carmo Arruda, Margarida Ferrari, Maria de Lourdes Versolato, Emilia Florio, Laura de Souza, José Dias e Zuleika de Carvalho.

Nos intervallos executou selectas peças a afamada banda de musica União.

Que Deus Nosso Senhor e sua Santissima Mãe, abençõe este bom povo, infundindo-lhe o valor e coragem necessaria, para que continue trilhando o caminho da virtude e do bem. Avante, pois meus conterraneos na vossa gloriosa cruzada, e a vossa moralizadora e patriotica empreza.

A CORRESPONDENTE

CONCHAS

Realizou-se no dia 27 de Fevereiro a fundação da Pia União das Filhas de Maria pelo revmo. P. Vigario Sandoval Pacheco. A igreja estava artisticamente enfeitada, havendo na missa communhão geral de associadas, e á tarde teve lugar a recepção, sendo impostas as fitas pelo revmo. P. Sandoval e em seguida subiu á tribuna sagrada o revmo. P. João B. da Palma, que produziu uma bellissima oração a Maria Santissima.

Foi sorteada presidente a exma. sra. d. Accacia Ferraz.

Foi estabelecida aqui a Confraria do Rosario contando desde já com 117 associadas. Foram nomeadas chefes de secção as exmas. sras. dd. Barbara Ferraz, Accacia Ferraz, Joanna Tonolli, João Menejum, Rita da Conceição e Domingos Tonolli.

Por intermedio dos revmos. PP. do Coração de Maria o revmo. P. Sandoval já recebeu diversas alfaias para a nossa Matriz e foram distribuidos no domingo passado duzentos folhetos de propaganda aos fieis, vindos da livreria do Coração de Maria.

A *Guarda de Honra do Santissimo Sacramento*, fundada nesta parochia, está augmentando se dia a dia contando com numerosos associados.

Eis o movimento religioso desta localidade, que vai, graças a Deus, fructificando cada vez mais, como o demonstram as communhões diarias havidas no mez de Janeiro, ás quaes sobem a 497 e no mez de Fevereiro a 440.

UM ASSIGNANTE

Um explorador recebe um insulto do chefe da tribu selvagem. Volta-se logo ao interprete que lho traduzira, e dá-lhe uma bofetada, dizendo:

— Queira você traduzir isto áquelle miseravel.

Do Buena Lectura

Dizia-se na presença de Fontenelle, muito edoso, que o café era um veneno. — E' possivel, observou elle; mas deve ser muito lento, porquanto ha oitenta annos que elle me mata.

A dupla desobriga

O Padre E. Baumes, Capellão militar, da diocese de Niza (França) refere uma anedocta engraçada. Conta elle :

— «Em conversa com um soldado, homem rude, meu companheiro de armas, dizia-lhe eu que, o não se desobrigar n'aquella occasião, quando o podia fazer tão facilmente, constituia grave desleixo, e expliquei-lhe a necessidade da comunhão, remedio e alimento da alma. — Se não regateias o teu sangue, quando se trata da defesa da Patria, por que hesitas no cumprimento dos teus deveres para com Deus ?

O homem reflectiu, e, de repente :

— Então o Padre acha que, se eu não me desobrigar, o Pae do Céu não ha de querer saber de mim, se eu morrer no combate ?

Ignoro o que então faria Nosso Senhor. Só elle é juiz. Em todo caso, o negocio é serio, e nunca faz mal estar preso a duas amarras.

No dia seguinte, o homem desobrigava-se de

manhã, e a tarde partia para ás trincheiras onde esteve 12 dias. Ao cabo d'e-te periodo, regressou ao acampamento ; encontrei-o ; saudou-me garboso e marcialmente.

Aperto-lhe a mão e digo-lhe :

Rijo e são como um pêro, não é verdade ? — Trocamos algumas palavras ; á despedida, elle interroga :

— A que horas lhe posso fallar amanhã, Padre ?

— A' hora do costume, entre as 6 e as 7, antes de tocar a fachina.

Está dito ; então eu lá appareço amanhã um pouco mais cedo para me desobrigar.

— Desobrigar ?!...—exclamei, com certo espanto, aliás bem justificavel se não lembra do que me disse da ultima vez que lhe fallei ? Eu continuava a não o entender.

— Pois lembro me eu,—continuou—Disse que é bom estar preso a duas amarras. E vae d'ahi, resolvi repetir a desobriga. Mas valem duas do que uma e n'isto de desobrigas, com franqueza, como o Padre já sabe, andava eu bastante atrasado, havia um rôr de annos.



CHRONICA SEMANAL

TEMOS alcançado uns tempos nos quaes tudo e todos parecem reclamar *reformas*. Si por breves instantes trocaes quatro ideas com alguns desses nossos velhos e fortes fazendeiros, logo vos fará notar a necessidade de uma reforma para melhorar a situação angustiosa de nossa preciosa rubiacea, fonte principal de nossa riqueza : vede o professor que lenta e suavemente vai perdendo seu vigor, seu sangue transmittindo a seus semelhantes uma cousa, que embora identificada com elle, é mais do que elle, que não muda, que não passa, que não morre, que é mais do que immortal, que é eterna, a verdade, e vereis que tambem o professor pede reformas para as irregularidades que julga existirem no desempenho desta função sagrada do magisterio ; isso sim, si elle for um dos attingidos por essa tão suspirada reforma, ou si ella não se fizer segundo os seus desejos, certamente será o primeiro a protestar contra ella e contra o seu auctor até por meio do infame pasquim. Pobres dos homens que tomam conta da cousa publica, si houvessem de attender a todos os gostos ! quando é que chegariam essas tão necessarias reformas ?

Felizmente os nossos homens publicos nem sempre têm respeito a compromissos partidarios que são outras tantas peias que difficultam o bom

governo. E' a lição de mestre que, segundo telegrammas do Rio, acaba de dar o Dr. Wenceslau Braz a todos quantos têm a incumbencia de distribuir os cargos nos differentes funcionalismos federaes, estaduaes e municipaes.

Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil

E' o caso que para occupar um cargo de tanta relevancia como o de geologo do Serviço Geologico e Mineralogico foi nomeado, por decreto de 12 de Novembro de 1914 o Sr. Dr. Gabriel José Pereira Bastos. Ora, o Dr. Gabriel Bastos é um medico competente, isso sim, mas que não tem revelado competencia alguma geologica e mineralogica. E por esta causa, e além disso por haver o dito Dr. Bastos de submeter-se a uma prova de capacidade para o desempenho do cargo que occupava, e por ter sido nomeado não havida consideração ao disposto no regulamento então vigente e devidamente approvedo, agora o Sr. Dr. Presidente da Republica resolveu exonerar-o do cargo de geologo do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil.

Está claro que este não foi um bocado muito gostoso que digamos, e que o Sr. Dr. julgou, achou esse acto do sr. Presidente uma desconsideração á sua qualidade de homem formado e de sciencia ; mas lembre o Sr. Dr. o caso daquelle que, para recomendar o livro que, sobre *elementos de arithmetica* escrevera, aduziu na portada a sua qualidade de Dr. em *Theologia*. Que o Dr. Gabriel Bastos queira que o mundo admire suas aptidões medicas, está muito posto em razão, nada mais natural, faça valer seus titulos de *operador* por exemplo ; mas pelo amor de Deus não queira o medico, só por ser tal, monopoli-

zar o posto de geologo: estude o medico este maravilhoso livro que o Creador escreveu no organismo humano, faça á sciencia o presente d'algum novo invento para curar as miserias humanas, e deixe ao geologo tranquillo, combinando as lettras que o litologo e paleontologo lhe entregaram, e lendo nas estractificações, na fauna e na flora a historia do passado e tirando as consequencias para o futuro do globo,

NICEPHORO



A CATASTROPHE DO "PRINCIPE DE ASTURIAS"

Solemnes exequias nas egrejas de S. Bento e do Sagrado Coração de Maria

O naufragio do grande paquete hespanhol *Principe de Asturias* foi uma das mais terriveis e impressionantes catastrophes que nunca as praias brasileiras presencearam: terrivel pelo numero das victimas; impressionante pelas circunstancias em que se deu.

O vapor era um dos maiores (16.500 toneladas) mais modernos (1914) mais luxuosos e mais rapidos de quantos vinham a Santos. O capitão José Lotina um homem competentissimo no seu officio, moço ainda (37 annos) muito conhecedor dos nossos mares. O navio forte, aguantando bem o mar, quasi livre do risco de naufragio com os seus 13 compartimentos estancos.

Pois nada d'isto valeu!

Uma desviação do rumo devida a causas desconhecidas até hoje (insuficiencia do pharol, perturbação da agulha; quem sabe?) atiraram com o colosso para os rochedos da Ponta do Boi, e 5 minutos bastaram para que o *Principe de Asturias* afundasse e 400 pessoas percessem.

Temos a firme confiança de que a Divina Misericordia haverá favorecido a todos aquelles desgraçados, considerando bem purgados, por tão horrivel e subita morte, todos os seus peccados!

Dos 600 e tantos passageiros do *Principe de Asturias* 157 conseguiram salvar-se, e encontrados horas depois pelo paquete francez *Vega* foram recolhidos por este, tratados com toda sollicitude e conduzidos a Santos.

Nessa cidade a noticia da pavorosa catastrophe causou a maior consternação. Os naufragos foram atendidos, quanto possivel pela Agencia da Companhia e por pessoas caridosas.

A colonia allemã, num bello impulso humanitario, juntou em breves horas 3:250\$000 reis para socorrer a aquelles infelizes, fatts de tudo, mesmo de roupa.

Notemos esta circumstancia, que entendemos não deve passar inadvertida.

Os pobres naufragos, quasi todos hespanhoes, devem a vida aos francezes e os principaes socorros pecuniarios aos allemães: e assim, pela vontade de Deus, estes povos flegadamente inimigos, no momento mesmo em que numa lucta a mor-

te se degladiam, ameaçando com reduzir a escombros fumegantes o bello edificio da civilização christã, collaboram inconscientemente numa obra sublime de solidariedade humana como si Deus Nosso Senhor quizesse aproveitar a solemne occasião d'esta grande desgraça para mostrar aos homens o caminho da paz, isto é, o da salvação: aquelle a cuja entrada estão escriptas estas palavras: *amai-vos uns aos outros*.

Inpenetraveis aos mortaes são os altos designios da Providencia, mas tambem, ás vezes, a Vontade Suprema como que se exprime com factos cuja significação não deixa duvidas no espirito dos que Nella vemos a causa de tudo.

Pelo eterno descanso das victimas celebraram-se solemnes exequias nas Igrejas de São Bento e do Coração de Maria d'esta cidade.

Para a cerimonia de São Bento associaram-se, em expontanea e nobre commuidade de sentimentos, a primeira autoridade diocesana e o Digno Abbadado Mosteiro, D. Miguel Kruse, concorrendo este para a execução do piedoso pensamento com todos os elementos necessarios de pessoal e ornato de conta do Mosteiro, em demonstração das suas sympathias para a nação hespanhola e argentina, tão dolorosamente atingidas pelo desastre.

Estava a espaçosa igreja simples, porém elegantemente ornamentada, levantando-se no centro um bello catafalco guarnecido de ricos candelabros, sobre o catafalco, enlaçadas, as bandeiras española, brasileira e argentina.

Celebrou a missa Sua Rvma. Mons. Dr. Benedicto P. de Souza, quem tinha a representação do Prelado, servindo como diacono o Rvmo. P. Irineu Cursino, como subdiacono o P. João Couto e como ceremonario o P. Joaquim Nabuco Filho.

Assistiram a cerimonia o Sr. Consul da Hespanha, o Sr. Soares, representante da casa Pinillos, de Barcelona, proprietario do vapor perdido, e outras muitas pessoas da colonia hespanhola em São Paulo.

Guardemos sempre, no fundo do nosso coração, a grata memoria d'estas exequias que serão de certo, muito agradecidas por todos os hespanhoes.

As exequias celebradas na igreja do Sagrado Coração de Maria foram tambem expontanea e gratuitamente celebradas pela Commuidade, que quiz assim associar-se ao duelo da colonia hespanhola. Os convites foram feitos pelo consul da Hespanha, por meio da imprensa.

Teve a Congregação do Sagrado Coração o cuidado de ornamentar o templo de um modo solemne e grave. No centro a eça coroada pela cruz enlutada, e rodeada de grossas tochas. Sobre o altar maior a imagem do Redemptor, na cruz, destacando-se do fundo escuro da cortina que, em parte, cobria a parede; mais alta, por cima da cortina, surgia a imagem suavissima da Virgem.

Foi celebrante o Rvmo. P. Francisco Pérez, Superior dos Missionarios do Coração de Maria, aco-

lytado pelos Rvmos. P.P. Thomé Fernandez e Estevam Jové,

O coro, do Santuario executou irrepreensivelmente a missa e o *Libera-me* do Maestro J. Beltjens, com a sequencia do Maestro Pablo Hernandez.

Estava a igreja completamente cheia. Além do mais selecto da colonia hespanhola vimos muitos brasileiros, e pessoas de diversas nacionalidades que assim se associavam ao luto dos parentes e compatriotas dos naufragos.

Não assistiu o Sr. Consul da Hespanha por se achar em Santos onde o reteve a devassa que abriu para averiguar, se fôr possível, as causas da catastrophe, averiguar os nomes das victimas, socorrer os prejudicados, etc. substituiu-lhe o chanceller do consulado Sr. Vicente Solana.

Vimos, entre outros concorrentes de distincção o Consul da França Mr. Birlé, com sua senhora; o Dr. Francisco Zapata, medico do *Principe de Asturias*, o Sr. Suárez, representante da Cia.

Depois da Missa o Sr. Vicente Solana, Chanceller do Consulado, o Sr. Joaquim Collazos, vice-consul, varios R.R. P.P. que assistiram á cerimonia, o Dr. Zapata, o academico de 4.º anno de medicina Sr. Manoel Zalagaray e outras pessoas foram obsequiadas pelos P.P. Missionarios com um lauto lunch na sala de visitas do convento, visitando depois a residencia.

Queira Deus dar a eterna gloria aos mortos e inteira resignação aos attingidos por esta grande desgraça e que a ella sobreviveram.

Dentre quantos assistiram á cerimonia conseguimos obter os nomes dos seguintes: Eugenio Penteado, João Francisco Penteado, Manoel Real Ortiz, Manuela Balle, Plinio Luz, João Soto, Alexandre Martinez. Humberto S. Bocchini, José Barbosa, Fernando P. Guimarães, Eraani P. Guimarães, João J. Gordin, Alfredo Lopez Más, João M. Llaverias e familia, Raymundo Alifortes, Carlos A. G. Knüppeln, Francisco Romero. Antonio Teva, Cel. Anthero G. Barbosa, Antonio Nieto Cortes e Senhora, Nicolau Bernardi e familia, Pedro Antonio Santangelo e familia, Rodolpho Pereira Guimarães, Manoel Abreu, Caetano Palhuca, Roberto Peake e familia, Manuela de Diez, Maria Rosaura Barroso, Raymundo Diez, Leopoldo de Freitas, Consul de Guatemala; Julio A. Péres, Antonio Suárez & Comp., Agentes de Pinillos Izquierdo & Comp.; Antonio Suárez Sauril, em representação de Troncoso Hermanos, de Santos; Andres Sanchez Mosquera, F. Rosadas y Antonio Rosadas, A. Ferreira da Rosa, José M. Lopez Rodrigues, Francisco Martí, por si e por seu pae Daniel Martí, Manoel V. Guerra, José Lopez de Barros, Angelo Lorente, Le Consul de France et M.^{me} Birlé, Manoel Durand, Loureiro, Costa & Comp. Serafina Gomez, João Raposo de Medeiros, Manoel Sanchez, Anna Hidalgo, José Eguia, Felix Uranga, Consuelo Uranga, Isabel Gimenez Fonseca, Mariano Cartz, Luiz Ruiz, Julio V. Lopez, Celestino Costa, Lucila R. de González, Carmen Contrera, Trinidad Martín, José P. Gallardo, Vicente Cueto, Dolores González, Margarida Baptistas, Federico Lopez, Josefa Rojano, Francisco Hierro, Luiz Verges, Pedro Vaz Martins, Raul Luz, Serafina Dabril, Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, por si e pelo Banco Español del Rio de

la Plata, Agatangelo de Abreu, Josephina Ribeiro Lobo Vianna, João Climaco Guimarães, Francisco Dabril, Magdalena dos Anjos e familia, Vicente Solana, Chanceller do Consulado de Hespanha, Anna Maria da Conceição, Dorothea Teixeira, Adalgisa e Adiva B. Abreu, Marcilia R. Lobo Vianna, Bento de Andrade, Francisco Solano, a Federação Hespanhola; Antonio Marques e familia, Carlos Cortaccio, Indalecio Vilher, José M. Subiraet, Domingos Azevedo Gomes, Brasilio da Rocha Mattos, Sœurs de l'Esperance, Aristides Martinez, Cueto & Diaz, José Cabello, Celestina Santiago, Josepha Cassanha, Maria Trujilho, Jeronymo Paulino, Flora Santos, Mariana das Dores, Theresza Proczana, Elias Pacheco, Anacleto Angulo e senhora, Dr. Manoel Sabater e senhora, Joaquim Collazos e senhora, José Eiras, Manoel Portella.



Dinheiro de S. Pedro

Somma anterior	778\$100
Donativos semanaes	
Missa de Sabbado	2\$400
Caixa da Igreja	2\$800
Administração da «Ave Maria»	\$500
Missionarios do Coração de Maria, S. Paulo de Curitiba	\$500
	1\$000
Cathecismo de Meyer	1\$000
Santuario de Meyer — Rio	1\$000
Conferencia S. Vicente de Paulo — Igreja das Dores — Porto Alegre	1\$000
Donativos extraordinarios	
Missionarios de Sant'Anna do Livramento	1\$000
Apostolado de Sant'Anna do Livramento	1\$000
Total	790\$300

NOSSOS DEFUNCTOS



Em São Pedro da União — D. Maria Thereza de Jesus.

Em S. Gonçalo — Sr. Manoel José da Silva Lessa.

Em Nictheroy — Confortado com todos os Sacramentos entregou sua alma ao creador o Dr. Antonio L. L. Macahiba que fol um verdadeiro Pae para todos os necessitados.

Em Itapira — A Menina Isolette Vieira.

Em Mogymirim — D. Thereza Augusta Palhares.

Em Mococa — D. Maria Emerenciana de Arantes.

No Rio — D. Emilia Geraque Collet.

Em Julio de Castilho — D. Casilda Vargas da Rosa.

Esta administração mandou celebrar os suffragios a que tinham direito.

Nossos pesames ás exmas. familias enlutadas.

R. I. P.

A LEI DE DEUS

PRIMEIRO MANDAMENTO

Amarás a Deus sobre todas as cousas

LENDA PRIMEIRA

HEITOR E JOSÉ

—Nem de tal me lembrava, disse o rapazinho levantando a cabeça; e depois ajuntou sentando-se na arca: eu não sei que tristeza se me apoderou do coração logo que o pai sahi... parece-me que vai succeder alguma desgraça.

—Ora vamos, José, não sejas louco; o que nos póde succeder? Os senhores estimam-nos tanto!

—Não sei, respondeu José.

—Que motivos temos para duvidar?

—Mas, desde hontem tenho eu um para julgar que me aborrecem de morte.

—A ti, meu filho?

—A mim, e por minha causa tambem a meus paes.

—Mas porque?

—Ouça, minha mãe; vou contar-lhe o que me succedeu: hontem trabalhava eu em um canteiro afastado d'aquelle, em que estava o pai; seriam seis horas da tarde, ouvi grande bulha de cavallos, vozes e latidos de muitos cães; cheguei-me ao vallado e vi o senhor conde com todos os hospedes que estão em sua casa; na frente dos caçadores vinha o snr. Heitor com outros mancebos da sua idade. O filho do senhor conde, vendo-me, disse-me:

—Olá, *laponio!* Anda cá.

Eu aproximei-me, tirando o barrete, conforme o meu dever.

—Vaes servir-me de primeiro cão, disse-me o snr. Heitor, apontando para quatro sabujos, que cançados, pouca vontade tinham de caçar. Anima-os e parte com elles.

—Porém, Heitor, disse um dos mancebos, dando uma gargalhada, como queres que esse *palurdio* corra tanto como os cães?

—Porque não? respondeu Heitor; vamos, toca a caçar.

—Perdõe v. exc.^{ta}, respondi eu confundido e envergonhado; não me é possível servir de cão; volto ao meu trabalho.

E dei dous passos para voltar ao campo.

—O que é isso, *tunante!* gritou o fidalguinho. Eu, sem dar resposta, puz-me a trabalhar; e o menino, furioso como um tigre, pegou em uma chibata, e ia para me dar com ella na cara; não pude conter-me; e agarrando a vara, dei tal puxão que pegada a ella veio alguma pelle, e vi cahir uns pingos de sangue.

Depois, para evitar novo insulto, sahi do campo em quanto os amigos do snr. Heitor o seguravam. Este retirou-se, dizendo-me:

—Tu e os teus haveis de pagar semelhante atrevimento.

Eu fiquei o resto da tarde com o pai, mas não lhe contei o que succedera.

A pobre Genoveva, muito assustada, ouvira attentamente a narração do filho.

—Querido filho! meu José; que fizeste? exclamou pondo as mãos e olhando para o mancebo com os olhos cheios de lagrimas. Não sabes com que extremo os senhores amam seu filho! Ah! não me podia succeder desgraça maior!

—Porém, minha mãe, eu o que havia de fazer? servir-lhe de cão? Nem o exemplo de meus paes, nem o meu character me aconselhavam tamanha humilhação. Consentir que me desse na cara com uma chibata! Como diz o pai: o homem que soffre tal offensa é digno d'ella.

—Mas, filho, tu não és homem, és um menino de doze annos.

—Mãi, replicou nobremente José, se o meu corpo é de criança, o meu coração é de homem!

—Talvez tenhas razão, José, respondeu a mãe, corre á casa do senhor vigario, conta-lhe o que te succedeu, e elle dirá se fizeste bem ou mal; no em tanto eu fico rogando á Virgem Santissima para que nos livre de alguma desgraça.

E dizendo isto, collocou uma vela accesa diante de um quadro da Virgem, e tirou da algibeira as contas.

—Até logo, mãe, disse José abraçando Genoveva, e depois dirigiu-se á casa de D. Lourenço.

O ancião sentado em larga poltrona olhava com prazer para as flôres, que José lhe levára. Uma velhinha, muito parecida com a vizinha Joanna, vestida pobrememente, mas com aceio, estava arranjando a mesa do bom cura.

No momento em que José entrou, acabava a ama de pôr na mesa o talher de prata de D. Lourenço e dous pratos de louça branca com flôres azues.

—Ora bem vindo seja o meu José! exclamou alegremente a snr.^a Maria.

—Outro talher para elle, snr.^a Maria, disse o cura estendendo a mão a José, para que a beijasse.

—Obrigado, senhor cura, respondeu José, não posso cear na sua companhia, porque me espera minha mãe que esta só.

—E teu pai?

—Está no palacio, onde o mandou chamar o senhor conde.

Dizendo estas palavras, poz-se José a chorar amargamente,

—Que tens, José? exclamou assustado o bom cura.

—Estará doente tua mãe? perguntou Maria.

José fez um esforço para socegar, e contar o que lhe succedera, não lhe escapando as ternas recriminações, que a mãe lhe fizera.

—Vamos, não te afflijas, disse D. Lourenço, quando José acabou de fallar; o maior mal que poderia succeder, é que o senhor conde indignado por teres faltado ao respeito a seu filho, vos tirasse as terras que trazeis de renda.

—Então, exclamou José dolorosamente, a soberba do fidalguinho expoz-nos a perder o pão e o abrigo!